

A eloquência daquelas moedas!



Aquando de escavações, quer as da *villa* de São Cucufate (Vidigueira) quer na *villa* de Freiria, em Cascais, amiúde encontrei numismas, porque cedo me habituei a olhar para o chão que piso. Sempre em contextos indefinidos, não susceptíveis, por isso, de virem a servir de elemento de datação de um qualquer estrato arqueológico. Atribuíram-se sempre a perdas ocasionais. E eu não mais reflecti sobre o assunto.

Sucedeu, porém, que, em 2019, várias semanas a fio, no chão de terra do parque de estacionamento por onde passeava com o meu cão, eu dei em encontrar moedas. Sempre de mui pequeno valor: 1 cêntimo, 2 cêntimos, 5 cêntimos, 10 cêntimos...

Morrera inesperadamente o João, o rapaz que todos os dias ali estava para ajudar a arrumar os carros. Recebia gorjetas dos automobilistas e era com esse dinheiro que lograva sobreviver. As moedinhas encontrava-as eu um pouco por toda a extensão do parque, mas com mais frequência num espaço limitado, próximo do local de saída das viaturas, onde o João habitualmente estava. Não me pareceu que resultassem de perda ocasional, embora, de facto, também se pudesse pensar que o cavalheiro ou a dama que deixasse cair moeda de valor mínimo se não preocupasse em a apanhar, que dava muito trabalho e não compensava!

Mas, perguntava-me eu, haveria assim tantas pessoas a deixarem cair moedas sem as apanharem? Afigurou-se-me estranho e, por isso, optei por outra explicação: o João, quando lhe davam moeda pequena, acabava por a deitar fora, considerando-a sem préstimo. Assim expliquei eu o facto de, ora hoje ora amanhã, ao olhar para o chão, deparar com uma moeda.

Foi esta a história que engendrei, facilmente aceitável, creio, atendendo à mentalidade de um arrumador de automóveis, sem instrução. Ainda que pobrezinhas, as moedas assim 'perdidas' e achadas detinham a sua eloquência e serviram para documentar uma atitude. Aliás, noutra ocasião quase simultânea, ao atravessar um outro parque de estacionamento, apanhei também uma moeda de 2 cêntimos, certamente porque, também aí, o «guarda» preferia valores mais... consistentes!

José d'Encarnação

Comentários

- [Firmino Silva](#)

Também já fui, sem sequer saber o que era, arqueólogo. Nasci junto a uma antiga cidade romana, Miróbriga. Chamávamos-lhe a "escavação", porquanto, nas férias escolares de verão, por lá apareciam uns senhores que, com colheres de pedreiro, sachos diversos e pinceis, se entretinham a mexer nas pedras e na terra.

Mondei trigo sobre a terra normal que encobria um grande conjunto de construções, sem que se soubesse que cobriam aquelas paredes. Ainda hoje acho estranho como, sob a acção de ventos e chuvas, foram para ali transportadas terras e pedras de xisto macio suficientes para cobrir tudo o que hoje se pode observar nas Ruínas de Miróbriga de Santiago do Cacém.

Poucos eram os sinais que insinuasse a existência, a não ser uns vagos cacos, e lá está, uma ou outra moeda de carcomido cobre.

Arqueólogo mais que falhado, percebo agora terem sido aqueles fragmentos de moeda atirados para ali por algum arrumador de quadrigas despeitado pela mixuruquice da gorjeta. É que, ao que parece, existiu naquele lugar um hipódromo em que se organizaram corridas.

[Maria Fernanda Pereira](#)

[Firmino Silva](#) Santiago do Cacém!!! Saudades! Conheço o local dessas ruínas romanas bem interessantes. O desporto da corrida de automóveis já vem de longe!!! 😊😄 O meu filho João trabalhou lá vários anos e eu deslocava-me lá com frequência para estar com ele. Terra pacata e pouco dada a modernices, ao contrário da outra moderna e mundana logo ali ao lado e construída à sombra de Santiago de Cacém. Óptimas férias que lá passámos. 😊

[Firmino Silva](#)

[Maria Fernanda Pereira](#) Nasci ao lado dessas ruínas. Fazia sentido associar Santiago do Cacém ao desporto automóvel, onde chegou o primeiro desses veículos que veio para Portugal, o Panhard Levasseur importado pelo Conde de Avilez, o titular de um palácio que existe junto ao Castelo.

Esse automóvel ainda existe, julgo ser pertença do Automóvel Club de Portugal. Foi também quem marcou a primeira indemnização por acidente de viação. Atropelou um burro em Palmela e o Conde teve de o pagar.

Quando a Alfândega procedeu ao seu registo, o funcionário deparou-se com a dificuldade da definição da natureza da máquina.

Os muçulmanos, ao chegar, nunca quiseram as cidades romanas. Miróbriga foi destruída, e o islão instalou-se mais a nascente, na colina onde está o castelo que encima a cidade.

Quem mais se interessou pelas ruínas de Miróbriga foi o Bispo de Beja e Arcebispo de Évora, Frei Manuel do Cenáculo. Que foi quem procedeu à maior recolha do espólio até então abandonado.

Gostei que tivesse gostado da minha terra.

- [Maria Fernanda Pereira](#)

Adorei conhecer o castelo e a colina com as construções antigas e a Misericórdia. Gosto desses caminhos só que moedinhas pretas ou romanas, não encontrei nada 😊😄

- [Firmino Silva](#)

[Maria Fernanda Pereira](#) A igreja que se encontra adossada ao Castelo é a Igreja Matriz. A Igreja da Misericórdia é um pouco mais abaixo, a meio da encosta. Próxima, está também a Igreja das Almas, que sempre conheci como Casa Mortuária, a anteceder os

funerais para o cemitério, com muito mau gosto instalado dentro das muralhas do Castelo, e onde ainda se encontra.

Ao redor havia três ermidas, todas elas abandonadas pela igreja. Na base da encosta do castelo, a oeste, a Ermida de S. Pedro; a norte, e um pouco mais afastada, a Ermida de S. Sebastião, polivalente nos seus usos. Conheci-lhe morada de ciganos e chegou a ser um estabelecimento de senhoras ditas mal comportadas. Em terceiro lugar, a Ermida de S. Braz, junto às ruínas de Miróbriga. Além de palheiro e de abrigo de muares, a última utilidade que lhe conheci, aquando da minha última visita, foi a de servir para a venda das entradas para visitar as ruínas.

Tive o maior gosto em ser seu cicerone.

[Maria B Fernandes](#)

Aqui perto de onde moro havia um descampado onde todos os dias estacionavam carros. Sempre ali estava um arrumador à caça de uma moedinha. Quando ia com o cão à rua passava por lá, sempre encontrei moedas de 1, 2 e 5 cêntimos. Quer dizer que o arrumador as deitava fora.

- [Maria Fernanda Pereira](#)

Obrigada. De facto, a pacatez de que falei, pareceu-me excessiva, pois nada de informação de actividades culturais, históricas, ou ambientais a autarquia à data PCP oferecia, o que estranhei. Mas disseram-me que era mesmo assim, e por tal, a a cidadezita ao lado cresceu! Foi um gosto tê-lo por companhia! ❤️

[Maria B Fernandes](#)

Aqui perto de onde moro havia um descampado onde todos os dias estacionavam carros. Sempre ali estava um arrumador à caça de uma moedinha. Quando ia com o cão à rua passava por lá, sempre encontrei moedas de 1, 2 e 5 cêntimos. Quer dizer que o arrumador as deitava fora.

Comentário meu

Agradeço aos três comentadores o que tiveram a gentileza de escrever. E assim se ficou a conhecer melhor a cidade romana de *Mirobriga* e o seu envolvimento histórico, humano e urbano.

Depois de Frei Manuel do Cenáculo, múltiplas campanhas arqueológicas se fizeram, tendo sido, por exemplo, D. Fernando de Almeida um dos arqueólogos que mais terá contribuído, antes das intervenções mais recentes, para dar a conhecer o sítio.

Não havendo automóveis no tempo dos Romanos, o hipódromo de *Mirobriga* destinava-se a corridas de cavalos. Conhecem-se mais dois no território actualmente português: um terá sido em Balsa, junto a Tavira, mas ainda não está a descoberto; o outro em Lisboa, identificado no Rossio, aquando das obras para o metropolitano.

Aconselha-se, pois, uma visita a Miróbriga, que dispõe de excelente Centro Interpretativo.

Quanto à eloquência das moedas... estamos conversados!

José d'Encarnação